

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: Mura 15
Data 09/03/93 Pg.: _____

Poema épico fala da extinção dos índios Mura

Elaíze Farias

O Uruguai, de Basílio da Gama e Caramuru, de Santa Rita Durão não foram os únicos gêneros épicos que retrataram a história da colonização do Brasil. Henrique João Wilkens, um soldado português (apesar do sobrenome) também se encarregou de relatar o tema indianista através de uma poesia intitulada *A Muhuraída* ou *O Triunfo da Fé*. A obra foi escrita em 1785 no Alto Rio Negro e publicada pela primeira vez em 1819 pela *Imprensa Régia de Lisboa*. Ele relata a vitória das forças coloniais e a cristianização dos índios Mura.

Em 1976, o manuscrito original de *A Muhuraída* foi encontrado na Torre de Tombo, em Portugal, pelo Diretor do Museu do Índio do Rio de Janeiro, Carlos de Araújo Moreira Neto.

Agora, o poema recebeu uma segunda edição, lançada pela Biblioteca Nacional, para dentro em breve ser aberto à pesquisa pública nas bibliotecas Pais e do Estado. O poema é publicado na íntegra, em fac-símile e em duas transcrições, uma atual (diplomática) e outra feita em Portugal em 1819. O livro recebe estudos introdutórios dos antropólogos David H. Treece, professor da Uni-

versidade de Liverpool e Carlos Moreira Neto. Um álbum iconográfico sobre os índios Mura acompanha o poema, com mapas, fotos e desenhos antigos e atuais.

O antropólogo David H. Treece diz que ao contrário de Caramuru e *O Uruguai*, que buscam no elemento amoroso e na ficção a explicação do contexto histórico da época, *A Muhuraída* aponta para um aspecto mais fundamental do tratamento que se dá ao assunto: a sua preocupação básica com um contexto estreitamente local e histórico e com conjuntura imperante de forças políticas e econômicas.

Por outro lado, continua ele, *A Muhuraída* nunca chega a transcender o contexto político imediato, e por isso mesmo permite vislumbrar com muita nitidez a realidade da política indigenista e as contradições da sua aplicação a nível local. Por isso, mesmo - explica - não conseguiu atrair o interesse dos críticos românticos, gênero que prevalecia na época.

Existem poucos dados sobre o autor do poema. Sabe-se apenas que ele era um engenheiro qualificado e que mais tarde foi favorecido com uma promoção rápida. Em 1787 era comandante militar do quartel de Ega (Tefé), pois cartas endereçadas por e para ele

aparecem entre a correspondência militar que relata a redução dos Mura, o que indica que conhecia de perto os acontecimentos narrados no poema.

Foi nessa localidade que Wilkens, presumivelmente, escreveu o manuscrito da *Muhuraída* em 1785, narrando como se dá o fim da resistência Mura à colonização portuguesa.

David H. Treece lembra que o poema de Henrique João Wilkens não procura desmentir o reverso da medalha reformista das Leis de Liberdade pombalinas, ou seja, o motivo comercial da colonização e exploração agrícola. "Pelo contrário, sua preocupação franca, livre do sentido de culpa, com as forças econômicas subjacentes à retórica pública oficial de emancipação e conversão". Ou seja, em seu poema, o militar português limitou-se a registrar o triunfo cristão em cima da resistência Mura de maneira até entusiástica.

A contradição - entre a imagem da selvageria e o irracionalismo intransigente dos Mura, e a possibilidade de sua integração via a persuasão interesses teológicos, políticos e econômicos antigônicos que o poema *A Muhuraída* traduz. "A *Muhuraída* - explica Treece - é portanto, o portador do complexo ideológico de um meio político e cultural em transforma-



Índio Mura e Índio Mura tomando paricá (este ilustra a capa de *A Muhuraída*). Alexandre Rodrigues Ferreira. *Viagem Philophica*

ção, cujos conflitos distantes e locais iam ganhando um relevo histórico nacional".

Quem foram os Muras - No período colonial, os portugueses, em sua política geral de relacionamento com os povos indígenas, classificaram alguns grupos, por sua condição de extremada barbárie, como incivilizáveis. A esses, quase sempre, a única política a adotar era a guerra de extermínio.

No século XVII foram alvo da campanha de exterminio os Tapuyá. Durante os séculos XVIII e XIX na Amazônia, os Mura constituíam o modelo dos índios bárbaros. Os Mura aparecem bruscamente na história colonial da Amazônia no começo do século XVII e logo em seguida entram

no objetivo de colonização e cristianização dos jesuítas.

Apesar do rei D. João ter recusado autorizar a guerra justa contra os Mura, esses índios foram atacados várias vezes por particulares e por tropas coloniais. Soma-se a isso a sucessão de epidemias de sarampo, varíola e infecções gastrintestinais que dizimaram os índios da Madeira a partir de 1749. Esse fato teve alguma consequência na dispersão dos Mura por todos os afluentes do Amazonas até o Solimões.

Os conflitos dos Mura com os portugueses culminaram com sua participação na Cabanagem, ao lado dos rebeldes. Um de seus feitos mais expressivos e que haveria de lhes causar dura perseguição foi a derrota e morte do caudilho governista Ambrósio Pe-

dro Ayres Bararó, que liderava a expedição punitiva aos pontos cabanos no lago do Autazes.

A repressão aos Mura, após a Cabanagem, foi especialmente violenta, e dos sessenta mil índios, calculados em 1826, restavam poucos milhares em 1840. A situação atual dos Mura, segundo dados da Funai, indica uma população recenseada de 1.300 localizadas em várias áreas indígenas situadas principalmente no município de Autazes, Careiro, Borba, Auxiliadora, Berori e Anori e Manicoré.

Segundo Carlos Moreira Neto, provavelmente nenhum dos grandes grupos indígenas da Amazônia pagou preço mais alto que os Mura ao esforço de dizimá-los e de expulsá-los de suas praias e laços tradicionais.

Fotos: Reprodução